"Depois do choro, desenhei"

39

—Ídasse Tembe, a propósito da sua primeira individual na sede da AEMO

por Augusto de Jesus

Para lá de participar em exposições colectivas, ele tem ilustrado páginas e páginas de diversas publicações literárias, especialmente da revista «Charrua», de que é membro fundador. Desenha e pinta há já longo tempo, e considera o desenho como a «segunda coisa» que lhe aconteceu «depois do parto, depois do choro». Chama-se Ídasse Tembe e é a sua primeira individual, a exposição de desenho que é exibida na Associação dos Escritores Moçambicanos, em Maputo. Foi inaugurada no dia 31 de Maio e tem o seu encerramento previsto para o dia 9 de Junho.

São cerca de 40 obras a tinta-de-china, aguarela e em técnica mista, quadros que mostram o caminho percorrido por Ídasse, no desenho, desde 1980, e que têm como fundo o quotidiano do homem moçambicano: o sofrimento — gerado pela fome, guerra e outras calamidades, naturais ou não.

— Antes de pegar no papel, eu já desenhava no chão, na areia. Artisticamente acho que comecei a desenhar antes de pintar, porque foi o desenho a área em que tive facilmente maior material — assim se recorda Ídasse Tembe, dos primórdios do seu envolvimento no desenho. Só depois é que veio a pintura.

Mas, agora, transcorrido já um largo tempo, Ídasse diz que desenha com a mesma intensidade com que pinta. Se se sente melhor no desenho ou na pintura? Ele mesmo é quem responde:

— Nem no desenho, nem na pintura. Com o desenho eu faço o estudo da minha pintura. No desenho, um indivíduo consegue seleccionar (ou solucionar) o espaço que tem na pintura.

E acrescenta que tem «uma força íntima» que não o deixa sossegado e que mesmo depois de feita uma obra (de desenho ou de pintura) não sabe se terá conseguido ou não exteriorizar o seu sentimento à medida do desejado.

Aliás, a esse propósito ele afirma que também é sua intenção conhecer o veredicto do público através desta exposição, que tem o patrocínio da revista «Charrua». Isto no que toca ao desenho, porque quanto à pintura, Ídasse Tembe garante que irá apresentar, posteriormente, uma outra exposição, já consagrada a essa modalidade.

«OS NETOS DOS ESCRAVOS SÃO HOMENS LIVRES»

Com esta sua exposição de desenho, Ídasse diz que presta «uma homenagem à terra que me viu nascer e e um estímulo a uma geração que sabe o que quer». Ele considera-se artista «da geração que sabe o que quer», mas sem dizer se haverá alguma outra geração que não saiba o que quer.

— Em princípio, toda a geração sabe o que quer, mas esta nossa é diferente, pelo facto de ser de homens livres — argumentou o artista, para depois sublinhar: **esta é a primeira geração consciente que aparece no País. Os nossos pais não tiveram a oportunidade de gozar esta liberdade. Com o fruto do nosso trabalho devemos mostrar que os netos dos escravos são homens livres.**

Contudo, Ídasse ainda afirma que, «em termos de arte, não existe nenhum choque entre esta e a anterior geração. A outra geração fez uma coisa, a actual faz outra. Só que a actual deve aprender com a outra, e é dever dessa anterior, ensinar-nos. Eles não tiveram por onde começar, mas nós já temos, se a compreensão entre ambas existir».

A propósito dessas suas afirmações (passíveis de discussão, que ele confessou não querer) Ídasse, indagado sobre o assunto, disse não ter influência de anteriores artistas, mas que «talvez um dia venha a sofrer». E esse um dia pode ser agora, quando alguém, entre o público que ver a mostra, as encontrar, como até vulgarmente acontece nestas circunstâncias. Afinal, o júri é o público, como bem diz Ídasse.

Ídasse Tembe confessa não ter tido a possibilidade de estudar o que seria de desejar, mas mostra-se algo consolado «por ter visto alguma coisa, em contactos directos com João Paulo, António Bronze, Fernando Lobo e António Quadros».

— Sempre lutei por não ter influência, embora seja natural havê-la. Mas, mesmo assim, talvez diria que sou um artista puro, e a pureza não deixa que as coisas tenham influências — diz ainda Ídasse

Mas tudo isto é o que diz Ídasse Tembe da sua própria arte. O que dirá o público, sobretudo depois de apreciar a sua exposição de desenho?

Uma altura em que são anunciadas (umas) e realizadas (outras) exposições, Ídas se escolheu para a sua estreia individual. «As coisas acontecem quando é necessário que aconteçam. Portanto, julgo que agora chegou a hora» — é como se estivesse a contrapôr.

Para ele, esta exposição «é um preâmbulo do que pretendo mostrar, uma pergunta ao público, que é o júri: continuo ou não continuo?»

Alguém quer responder-lhe?